

LIÇÃO 17 - Rejeição das opiniões de que Tudo é Verdadeiro e Falso, e de que Tudo está em Repouso e em Movimento

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 8: 1012a 29-1012b 31

193. Estabelecidos esses pontos, é evidente que as teorias que foram expressas de modo unívoco e acerca de todas as coisas não podem ser verdadeiras como alguns as afirmam. Ora, alguns dizem que nada é verdadeiro (pois afirmam que nada impede que todas as afirmações sejam como a afirmação de que a diagonal de um quadrado é comensurável com um de seus lados), e outros dizem que tudo é verdadeiro. Essas visões são quase as mesmas que a de Heráclito; pois aquele que diz que todas as coisas são verdadeiras e todas falsas admite ambas as visões, além de suas próprias palavras. Logo, se essas são impossíveis, estas também devem ser impossíveis.
194. Além disso, é evidente que há contraditórios que não podem ser verdadeiros ao mesmo tempo. Nem podem todos ser falsos, embora isso pareça mais possível a partir do que foi dito.
195. Mas, ao opor-se a todas essas visões, é necessário postular, como foi afirmado na discussão acima (332), não 'que algo é ou não é', mas que uma palavra significa algo. Portanto, é necessário argumentar a partir de uma definição, uma vez que tenhamos aceito o que significam verdade e falsidade. Mas se dizer o que é verdadeiro é meramente negar o que é falso, nem tudo pode ser falso. Pois uma parte de uma contradição deve ser verdadeira.
196. Novamente, se tudo deve ser afirmado ou negado, ambos não podem ser falsos; pois uma parte de uma contradição é falsa.
197. E a visão comumente expressa aplica-se a todas essas teorias — elas se destroem a si mesmas; pois aquele que diz que tudo é verdadeiro torna verdadeiro o contrário de sua própria afirmação e, assim, torna a sua própria não verdadeira; pois o contrário nega que ela seja verdadeira. E aquele que diz que tudo é falso torna sua própria afirmação falsa. Mas se o primeiro faz uma exceção para a afirmação contrária, dizendo que só ela não é

verdadeira, e o último faz uma exceção para sua própria afirmação, dizendo que ela não é falsa, ainda assim terão que considerar a verdade e a falsidade de um número infinito de afirmações. Pois aquele que diz que uma afirmação verdadeira é verdadeira está certo; e esse processo continuará ao infinito.

- 198. Ora, é evidente que aqueles que dizem que todas as coisas estão em repouso não falam a verdade, e tampouco aqueles que dizem que todas as coisas estão em movimento.
- 199. Pois, se todas as coisas estão em repouso, a mesma coisa será sempre verdadeira e falsa; mas isso parece ser algo que muda, pois aquele que faz uma afirmação em um certo tempo não era e novamente não será.
- 200. E se todas as coisas estão em movimento, nada será verdadeiro, e então tudo será falso. Mas foi demonstrado que isso é impossível.
- 201. Além disso, deve haver algum ser que é mudado; pois a mudança é de algo para algo.
- 202. Mas não é verdade que todas as coisas estão em repouso ou em movimento às vezes, e nada sempre; pois há algo que sempre move as coisas que estão sendo movidas, e o primeiro motor é em si mesmo imóvel.

COMENTÁRIO

- 36. Ele argumenta dialeticamente contra certas posições que decorrem das mencionadas acima. Primeiro (393:C736), argumenta contra certos homens que destroem os princípios da lógica; e segundo (398:C744), contra certos homens que destroem os princípios da filosofia natural (“Agora é evidente”).

Pois a filosofia primeira deve argumentar dialeticamente contra aqueles que negam os princípios das ciências particulares, porque todos os princípios se baseiam no princípio de que uma afirmação e uma negação não são verdadeiras ao mesmo tempo, e que não há intermediário entre elas. Ora, esses princípios são os princípios mais específicos desta ciência, pois dependem do conceito de ente, que é o sujeito primário deste ramo da filosofia. Mas o verdadeiro e o falso pertencem especificamente ao estudo da lógica; pois dependem do tipo de ente que se encontra na mente, com o qual a lógica lida; pois a verdade e a falsidade existem na mente, como é dito no Livro VI desta obra (558:C1231). O movimento e o repouso, por outro lado, pertencem propriamente ao estudo da filosofia natural, pois a natureza é definida como um princípio de movimento e de repouso. Ora, o erro sobre a verdade e a falsidade é resultado do erro sobre o ente e o não-ente, pois a verdade e a falsidade são definidas por meio do ente e do não-ente, como foi dito acima. Pois há verdade quando se diz que o que é, é, ou que o que não é, não é; e a falsidade é definida de modo oposto. E similarmente, o erro sobre o repouso e o movimento é resultado do erro sobre o ente e o não-ente; pois o que está em movimento enquanto tal ainda não existe, enquanto o que está em repouso já é. Portanto, quando os erros sobre o ente e o não-ente forem removidos, os erros sobre a verdade e a falsidade e sobre o repouso e o movimento também serão então removidos.

- 37. Quanto à primeira parte desta divisão, ele faz duas coisas. Primeiro (393:C737), expõe as opiniões errôneas sobre a verdade e a falsidade. Segundo (394:C739), critica essas opiniões (“Além disso, é evidente”).

Assim, ele diz (393) que, “com esses pontos estabelecidos”, i.e., com os pontos anteriores estabelecidos que devem ser usados contra as posições paradoxais mencionadas acima, é obviamente impossível que as visões de alguns homens sejam verdadeiras, a saber, que devemos formar uma opinião “univocamente”, i.e., pensar da mesma maneira, sobre todas as coisas, de modo que devamos dizer que todas as coisas são igualmente verdadeiras ou igualmente falsas. Pois alguns pensadores disseram que nada é verdadeiro, mas tudo é falso, e que nada impede que digamos que todas as afirmações são tão falsas quanto a afirmação (que é falsa) de que a diagonal de um quadrado é comensurável com um de seus lados. Mas outros disseram que todas as coisas são verdadeiras. Afirmações deste último tipo são um resultado da opinião de Heráclito, como foi apontado (362:C684); pois ele disse que uma coisa é e não é ao mesmo tempo, e disso segue-se que tudo é verdadeiro.

'38. E para que talvez alguém não diga que, além dessas opiniões, há também uma terceira, que afirma que tudo é ao mesmo tempo verdadeiro e falso, ele responde, como que encontrando uma objeção tácita, que qualquer um que sustente essa opinião também sustenta ambas as opiniões anteriores. Portanto, se as duas primeiras opiniões são impossíveis, a terceira também deve ser impossível.

'39. Além disso, é evidente (394).

Então ele apresenta argumentos contra as opiniões anteriores, e o primeiro deles é o seguinte: é evidente que há certos contraditórios que não podem ser verdadeiros ao mesmo tempo nem falsos ao mesmo tempo, por exemplo, o verdadeiro e o não-verdadeiro, o ente e o não-ente. Isso pode ser melhor compreendido a partir do que foi dito. Portanto, se um desses dois contraditórios deve ser falso e o outro verdadeiro, nem todas as coisas podem ser verdadeiras ou todas falsas.

'40. Mas ao opor-se (395).

Ele dá o segundo argumento. Ele diz que ao opor-se “a essas visões”, ou posições, “é necessário postular”, ou solicitar, não que alguém admita que algo é ou não é na realidade, como foi dito acima (332:C611), porque isso parece ser petição de princípio, mas que ele admita que uma palavra significa algo. Ora, se isso não for concedido, a disputa chega ao fim; mas se for concedido, é então necessário dar definições, como já foi dito acima (332:C611). Portanto, devemos argumentar contra esses pensadores procedendo a partir de definições, e no caso da presente tese devemos fazer isso especialmente considerando a definição de falsidade. Ora, se a verdade consiste meramente em afirmar o que é falso negar, e vice-versa, segue-se que nem todas as afirmações podem ser falsas, porque ou a afirmação ou a negação de algo deve ser verdadeira. Pois obviamente a verdade consiste simplesmente em dizer que o que é, é, ou em dizer que o que não é, não é; e a falsidade consiste em dizer que o que é, não é, ou em dizer que o que não é, é. Portanto, é claro que é verdadeiro dizer que aquilo é do qual é falso que não é, ou dizer que aquilo não é do qual é falso que é; e é falso dizer que aquilo é do qual é verdadeiro que não é, ou dizer que aquilo não é do qual é verdadeiro que é. Assim, a partir da definição de verdade e falsidade, é claro que nem todas as coisas são falsas. E pela mesma razão, é claro que nem todas as coisas são verdadeiras.

'41. Além disso, se tudo (396).

Aqui ele dá o terceiro argumento, que é o seguinte: é claro a partir do que foi dito acima que devemos ou afirmar ou negar algo de cada coisa, uma vez que não há intermediário entre contraditórios. É impossível, então, que tudo seja falso. E pelo mesmo raciocínio prova-se que é impossível que tudo seja verdadeiro, i.e., em razão do fato de que é impossível tanto afirmar quanto negar algo ao mesmo tempo.

'42. E a visão (397).

Ele apresenta o quarto argumento: todas as afirmações ou opiniões anteriores enfrentam este resultado irracional — elas se destroem. Esta é "a visão comumente expressa", ou seja, uma afirmação frequentemente ouvida feita por todos; e assim outro texto diz: "Acontece que é comumente sustentada". Ele prova essa visão da seguinte forma: quem diz que tudo é verdadeiro torna o contrário de sua própria opinião verdadeiro. Mas o contrário de sua própria opinião é que sua própria opinião não é verdadeira. Portanto, quem diz que tudo é verdadeiro diz que sua própria opinião não é verdadeira; e assim destrói sua própria opinião. Da mesma forma, é evidente que quem diz que tudo é falso também diz que sua própria opinião é falsa.

'43. E porque alguém poderia dizer que aquele que afirma que tudo é verdadeiro faz uma exceção ao contrário de sua própria afirmação ou o exclui do que vale universalmente (e o mesmo se aplica a quem diz que tudo é falso), ele portanto

rejeita esta resposta. Ele diz que, se aquele que diz que tudo é verdadeiro faz uma exceção à sua própria opinião contrária, dizendo que ela sozinha não é verdadeira, e se aquele que diz que tudo é falso faz uma exceção à sua própria opinião, dizendo que ela sozinha não é falsa, ainda assim segue-se que eles poderão "considerar", ou apresentar, um número infinito de afirmações verdadeiras contra aqueles que sustentam que todas são falsas, e um número infinito de afirmações falsas contra aqueles que sustentam que todas são verdadeiras. Pois, admitindo que uma opinião seja verdadeira, segue-se que um número infinito são verdadeiras. E admitindo que uma opinião seja falsa, segue-se que um número infinito são falsas. Pois se a posição, ou opinião, de que Sócrates está sentado é verdadeira, então a opinião de que é verdade que Sócrates está sentado também será verdadeira, e assim por diante ao infinito. Pois quem diz que uma afirmação verdadeira é verdadeira está sempre certo; e quem diz que uma afirmação falsa é verdadeira está sempre errado; e isso pode prosseguir ao infinito.

'44. Agora é (398).

Ele argumenta contra aqueles que destroem os princípios da natureza, ou seja, movimento e repouso, e quanto a isso faz três coisas.

Primeiro, ele menciona a falsidade dessas opiniões, dizendo que é evidente, a partir do que foi dito acima, que nem a opinião que afirma que tudo está em movimento, nem aquela que afirma que tudo está em repouso, é verdadeira.

'45. Pois se todas as coisas (399).

Segundo, ele mostra que essas opiniões são falsas. Primeiramente, ele mostra que a opinião que sustenta que tudo está em repouso é falsa; pois se tudo estivesse em repouso, nada seria então

mudado do estado em que às vezes está. Portanto, o que é verdadeiro seria sempre verdadeiro, e o que é falso seria sempre falso. Mas isso parece absurdo; pois a verdade e a falsidade de uma proposição são mutáveis. E isso não é de se admirar, porque o homem que tem uma opinião ou faz uma afirmação em um momento não era, e agora é, e novamente não será.

'46. Segundo, ele usa dois argumentos para mostrar que a opinião que sustenta que todas as coisas estão em movimento é falsa. Ele dá o primeiro (400) onde diz: "E se todas as coisas". É como segue. Se todas as coisas estão em movimento e nada está em repouso, nada será verdadeiro no mundo; pois o que é verdadeiro já existe, mas o que está em movimento ainda não existe. Portanto, tudo deve ser falso. Mas isso é impossível, como foi mostrado (395:C 740).

'47. Além disso, é necessário (401).

Ele dá o segundo argumento, e é assim: tudo que está passando por mudança é necessariamente um ser, porque tudo que está sendo mudado está sendo mudado de algo para outra coisa, e tudo que está sendo mudado em outra coisa pertence ao sujeito que está passando pela mudança. Portanto, não é necessário dizer que tudo no sujeito que passa pela mudança está sendo mudado, mas que há algo que permanece. Portanto, nem tudo está em movimento.

'48. Mas não é (402).

Ele dá o terceiro argumento, e ele descarta uma opinião falsa que poderia surgir do que foi dito acima. Pois, como nem todas as coisas estão em movimento nem todas em repouso, alguém poderia então pensar que todas as coisas estão às vezes em movimento e às vezes em repouso. Ao descartar essa opinião, ele diz que não é verdade que todas as coisas estão às vezes em movimento e às vezes em repouso, pois há certas coisas móveis que estão sempre sendo movidas, ou seja, os corpos celestes acima de nós, e há um motor, ou seja, o primeiro, que é sempre imóvel e sempre no mesmo estado, como foi provado no Livro VIII da *Física*.